

Heliana Conde orientadora

Academic Advisor Heliana Conde

Catiuscia Munsberg Carneiro; Leonardo Régis de Paula

Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

O presente artigo explora a experiência de orientandos/as do grupo de estudo e pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana com Heliana de Barros Conde Rodrigues. A atuação singular, que combina os papéis de docente-militante-escritora, é analisada sob a perspectiva dos/as próprios/as orientandos/as, que relataram compartilhar um vínculo de amizade e aprendizado ao longo de suas trajetórias acadêmicas. A relação de orientação descrita se caracteriza pelo rigor intelectual e ético, pelo apoio coletivo e por momentos marcados pelo riso, um traço que marca a forma como Heliana constrói suas relações. Os autores apostam na lembrança e na homenagem como formas de compor, com a amiga orientadora, ressonâncias de seu modo ético de existência.

Palavras-chave: experiência discente; amizade; pós-graduação.

ABSTRACT:

This article explores the experience of advisees from the study and research group linked to the Graduate Program in Public Policies and Human Formation with Heliana de Barros Conde Rodrigues. Her singular approach, which combines the roles of professor-activist-writer, is analyzed from the perspective of the advisees themselves, who reported sharing a bond of friendship and learning throughout their academic journeys. The advisory relationship described is characterized by intellectual and ethical rigor, collective support, and moments marked by laughter—a hallmark of how Heliana builds her relationships. The authors embrace remembrance and tribute as ways to resonate with the ethical way of being embodied by their advisor and friend.

Keywords: student experience; friendship; graduate studies.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88570

Muitos dirão que Heliana de Barros Conde Rodrigues, mais conhecida como Heliana Conde, foi uma grande referência no Brasil nos estudos de Michel Foucault, da Análise Institucional e, de forma mais ampla, da Psicologia Social. Talvez nós, assim como muitos/as de seus/suas outros/as orientandos/as, tenhamos sido cativados/as e seduzidos/as por seu brilhantismo intelectual, evidente em cada texto assinado ou aula ministrada por ela. No entanto, quem pôde passar da admiração à professora militante à convivência, ou mesmo quem chegou ao seu encontro desavisado/a de seu histórico, costuma referir-se a Heliana, em primeiro lugar, pela via do afeto e da amizade, como foi repetido muitas vezes no evento “Modulações Helianas: docência, militância, escrita”, em sua homenagem, que se desdobra neste dossiê.

Isso não significa alguma distância da relação com a intelectual que tinha referências infinitas. É que o modo como Heliana sustentava seu rigoroso trabalho era indissociável das relações que estabelecia. Ela cultivava uma relação de amizade genuína, algo que sempre fazia questão de pontuar. Quando a visitávamos durante o período em que estava afastada da universidade, ao nos apresentarmos como alunos/as para as pessoas que encontrávamos em sua companhia, ela rapidamente corrigia: "amigos/as". A orientação com Heliana nunca esteve separada da relação afetiva e de amizade. Na verdade, parecia que ela não sabia conduzir essas relações de outra forma senão com afeto. Ele estava presente em cada encontro, em cada aula, em cada texto, nos agradecimentos e prefácios de seus livros... Ele permeava tudo.

Grande parte das pessoas reunidas no evento para celebrar a amiga Heliana, antes experimentaram com ela a relação de orientação, mesmo que, por vezes, não formalizada. Nós, que aqui escrevemos, fizemos parte dos mais recentes de seus grupos - eram sempre grupos - de orientação, com último encontro na presença de Heliana datado em 29 de junho de 2023, no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Heliana se propôs a orientar até quando pôde. Estava com uma nova turma de orientandas oriundas do último processo seletivo do PPFH para iniciar suas pesquisas conosco quando precisou se afastar da UERJ. Naquele momento, ao mesmo tempo em que tudo era triste e incerto, havia pressões burocráticas de uma academia que nos demandava continuar produzindo e tomando decisões sobre os nossos futuros, como se a engrenagem não pudesse parar, mesmo em uma situação tão delicada e sensível.

O grupo de orientação teve um papel fundamental, especialmente durante a primeira hospitalização de Heliana. Os encontros sem sua presença se faziam necessários, pois

precisávamos nos acolher. Um acolhimento que pode ser compreendido como um momento de parada, uma pausa para entender e nomear o caos. Nossa decisão, afinal, era óbvia: também nos manteríamos com nossa orientadora até quando pudéssemos. Da maneira que pudéssemos. E havia urgências neste modo de estar juntos/as que extrapolavam o que poderia ser definido pelas pactuações acadêmicas.

O movimento de encontros, posteriormente, não se restringiu ao nosso grupo de pesquisa, mas ecoou também nas redes que Heliana construiu ao longo de sua vida. Uma rede de pessoas cujos laços, tanto durante seu adoecimento quanto após sua morte, se formaram através dela. Foi com essa fusão de redes que começamos a nos perceber, a partir de Heliana, associando os nomes de amigos e amigas que tanto ouvíamos presentes em suas histórias. Heliana foi e continua sendo rede, contágio, que por sinal, mesmo não estando corporalmente aqui, reuniu todo mundo no evento de celebração de seus 75 anos. Desta forma, quando falamos em rede, pensamos em algo que diz respeito a modos de se constituir na vida. Lembramos Fernand Deligny:

“Os acasos da existência me fizeram viver mais em rede do que de modo distinto, isto é, de outro modo. A rede é um modo de ser. [...] É como a história do recanto de parede e da aranha que acabam por se encontrar; se de fato a aranha o procurou, pode-se dizer também que o recanto de parede aguardava.” (DELIGNY, 2015, p. 15)

Com carinho aos/às nossos/as colegas e aos/às que vieram antes, escrevemos, aqui, a partir desta que é uma marca e um privilégio em nossos percursos: estar com Heliana orientadora. Essa experiência não fala apenas sobre acontecimentos pessoais, mas é memória e afirmação de uma prática possível e contra-hegemônica na universidade.

“Heliana, ou Heli, ou ainda Lili Conde, que, dentre tantas outras, possuía uma habilidade ímpar de fazer brotar a delicadeza e o cuidado por entre o concreto duro da universidade, quebrando-o, rachando-o, como uma planta que insiste com sua potência de vida às técnicas mais modernas de impermeabilização de construções (tais quais aquelas que rechaçam qualquer produção de conhecimento intumescida de afeto)” (MARCHI; MARIBONDO; DIAS, 2023, p. 1).

Devido ao estilo Heliana de subverter esta que é também uma relação de poder, a de orientadora-orientandos/as, é frequente que se brinque com as palavras para chamá-la, carinhosamente, de desorientadora. Há, porém, uma posição sua de orientadora que

consideramos importante afirmar. Essa não tem nada a ver com centralização do saber, com exigência de unanimidade teórico-metodológica e, muito menos, com tutela.

A companhia afetuosa, a escuta e a leitura minuciosa, as centenas de sublinhados e comentários que já começavam na seção de agradecimentos de nossos textos, as discussões permeadas por conversas sobre a vida, eram exercícios constantes de um constituir-nos pesquisadores/as, nunca apartados da crítica, da desnaturalização e interrogação dos saberes mais consistentes. Neste exercício complexo, a orientação sempre se deu num sentido de inventar caminhos, de ousar outros possíveis, de instigar coragem. Dito de um modo muito simples, e que ao mesmo tempo parece tratar-se de coisa rara, a orientação da qual falamos é uma relação na qual nunca nos sentimos sozinhos/as.

Com o passar dos períodos letivos, compreendemos que o grupo era sempre diverso em suas composições e propostas de pesquisa, às quais Heliana fabricava, habilmente, afinidades. Esses encontros tinham uma característica própria e única. Na sua última composição, duravam um dia inteiro: começávamos pela manhã, almoçávamos juntos, trabalhávamos pela tarde e início da noite e terminávamos em um boteco, compartilhando uma pizza e tomando cerveja. Um exercício de produção de saber que nunca se propôs a ser asséptico, quadrado, triste. Nosso último encontro no grupo coincidiu com a celebração dos 74 anos de Heliana. Esse momento foi muito significativo, pois estávamos celebrando sua vida, ou melhor dizendo, o acontecimento Heliana Conde, ao seu lado.

Dentre as lembranças que não nos faltam, nos ocorre, aqui, a de um desejo que ela compartilhava e que repetiu algumas vezes durante seu último ano no grupo de pesquisa. Sempre que falava sobre o memorial que escreveria para a posição de professora titular da UERJ, mencionava que o começaria com uma “fake news”: a história de um boato que corria pela UERJ de que ela não apenas havia conhecido Michel Foucault, mas que também teria tido um caso com ele. Heliana se divertia muito ao contar essa história, o que mostra outra faceta sua – um humor afiado, que talvez ressoe na memória que mais guardamos dela: a Heliana que ria conosco.

Convivemos com uma Heliana extremamente gentil e amorosa, o que certamente fica destacado quando nos referimos a ela. Não queremos, porém, ajudar a forjar algo como a imagem de uma pessoa [só] paz e amor. Heliana era uma mulher firme e combativa, lutava pelo que acreditava e fazia disso uma prática cotidiana. Ela estava disposta aos riscos. Seu riso não era dócil e apaziguador. Ela tampouco fazia uso do humor para abafar as horas em que o choro também era importante. Sua alegria era aliada da revolta. Seu deboche,

direcionado às formas mais duras - e toscas, ela diria - que se passam por intocáveis. Rir de tudo é bem diferente de rir de qualquer coisa:

“Heliana amava mostrar os dentes. Os dentes – estes que caem e renascem, que sobrevivem a nós mesmos, armas fósseis com as quais trituramos e rasgamos, com as quais mordemos, mas também expressamos nossa alegria e encantamento. Heliana ria de tudo, mas não de qualquer coisa. Animal e sobre-humana, feérica e errante, mais antiga que o tempo, sua risada está aqui e por toda parte onde haja um gato que passeia sobre o colo ou deitado na mesa, entre livros e cadernos, derrubando copos e cinzeiros, desviando toda a atenção para a beleza feroz da sua presença” (AMARAL, 2023, p. 218).

Em conversa ocorrida em 2022, disponível no Youtube, ao ser questionada sobre como o seu encontro com o trabalho de Michel Foucault afetou a sua prática pedagógica, Heliana fala de um encontro que ressoa, como se fossem "aliados de ethos" (RODRIGUES et alii, 2022). Não somente em relação àquele que veio a ser um de seus principais intercessores nos estudos, mas nas aproximações que escolheu na vida para dialogar, parece não fazer sentido falar de encontros que fossem meramente intelectuais, sem aliança quanto ao modo de agir no mundo.

Nesta mesma conversa, ela compartilha a observação de sua companheira, que acredita que muitas vezes o que marca as pessoas não é exatamente o que Heliana fala em suas exposições ou aulas, mas sim o modo como ela fala. Algo que ela concorda. Diz ter percebido que, ao longo dos anos, para muitos de seus alunos/as, o que fez diferença em sua formação não foi necessariamente o conteúdo apresentado, mas a maneira como ela fazia. “O modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina” (LORDE, 2020, p. 105). Heliana era uma educadora, uma mestre. Era a materialização de que é possível dar aula ou orientar sem reforçar sistemas de dominação existentes, sem basear-se numa relação sustentada pelo exercício da autoridade.

Inteiramente presente em seu trabalho como professora universitária, Heliana não exerceu este ofício sem apontar o quanto ele poderia ser aborrecedor, triste, mortífero. Em seus últimos meses conosco, já afastada formalmente da universidade, falava-nos sobre partes deste trabalho que não desejava retomar, que podia viver certo alívio de tomar distância. Jamais em relação aos nossos projetos. Cada visita, sem que instigássemos, animava alguma associação com nossas pesquisas. Trazia também preocupações de quem assumira compromissos e não queria interrompê-los. Talvez, houvesse em nós, como orientandos/as,

um sentimento semelhante: o receio de perder a companhia de uma amiga ao longo do processo de doutorado, de interromper um caminho que estávamos trilhando juntos/as, apostando um/a no outro/a nessa parceria. O medo de perder aquelas conversas que nunca se queria que chegassem ao fim.

É difícil a tarefa de organizar uma escrita sobre Heliana. Numa hora em que o texto não anda, reencontramo-nos com um artigo que, mais uma vez, nos orienta, prolonga a conversa. Diz Heliana, nesta passagem, que sim, o percurso de tantos anos como professora universitária e psicóloga poderia ser muito triste, aborrecedor, mortífero. Poderia, se não fossem os encontros com seus “mestres” e “alunos”, aos quais faz questão de enfatizar a escolha das aspas. Escreve, trazendo junto um mestre e um amigo:

“Prosseguiria, como bem se vê por tal descrição, restritivo e triste se não se expandisse. Ou melhor, se não tivesse encontrado ressonâncias, “capturas duplas” (Deleuze; Parnet, 1980, p. 6), naqueles que costumo chamar de meus alunos, porém talvez fossem mais bem designados como fabricantes-de-interiores-em-revolta (BAPTISTA, 1987). Porque capazes de tomar das mesmas ferramentas – as dos mestres-pensadores – e com elas fabricar outras, de romper alegremente com as grandes narrativas heroicas de origens e autores” (RODRIGUES, 2015, p. 9).

Em alguma aula, referenciada em Alessandro Portelli, Heliana problematizava a atuação dos comitês de ética em pesquisa e falava sobre como era possível cumprir, perfeitamente, todas as exigências burocráticas de uma pesquisa e ainda assim não fazer um trabalho ético: bastava que não se quisesse, verdadeiramente, aprender com as pessoas. A ética de Heliana passava por aí, por uma companhia que escutava interessada e pelo desejo em aprender conosco - e com quem queríamos aprender - em qualquer ideia, qualquer projeto que apresentássemos.

Em outro texto, dos muitos em que Heliana se dedica a questionar modos de produzir e reproduzir saberes, colocando em questão sua própria prática docente, defende que se possa “instaurar modos de saber, fazer e ser em favor da diferença e da vida” (RODRIGUES, 2019, p. 31). Hoje, tal afirmação pode parecer dizer pouco, ou mesmo ser confundida com discursos de muita propaganda e pouca análise. Contudo, instaurar práticas em favor da diferença e da vida é um traço deste ethos Heliana que é tomado em toda radicalidade que pode ter em sua existência. O destacamos como algo que atravessa sua escrita, militância e docência, inseparáveis e presentes também na relação singular de formação que é o processo de

orientação. Em seu caso, texto e pessoa estavam em ressonância, como ela mesmo destaca, brincante, que nem sempre acontece quando conhecemos de perto um/a autor/a que admiramos.

Esta nossa reunião de memórias produz um texto apaixonado e inacabado. A analista institucional nos adverte de que não há problema algum nisso, haveria problema em não assumi-lo de tal forma. É uma escrita que só existe porque precisamos viver a morte e a saudade da amiga orientadora. Dessa experiência, não queremos conformar algum lamento que fale sobre reações subjetivas individuais, sobre como lidaremos com a ausência de Heliana. Inspirados por Vinciane Despret (2023), em seu *Um brinde aos mortos*, não fazemos eco à ideia psi de trabalho de luto, que é pura interioridade e remete a um distanciamento e apagamento de quem morre. Por outra via, Despret sustenta uma atitude nossa - nossa, mas com a agência do morto - que dê lugar a mais existência de quem morreu.

Lembrar instaura. Os atos de homenagem “intensificam a presença, são vetores de vitalidade” (DESPRET, 2023, p. 69). Homenagear para, no mesmo gesto, honrar e herdar. Gesto que não encerra o que foi, mas inscreve o que é e o que, conforme sugere o futuro do presente, terá sido, numa composição entre quem morre e quem fica. Lembramos ativamente. Heliana criou muitas condições, na bela vida que viveu, para continuar a fazer muitas coisas conosco. Mas não da mesma forma. O novo momento nos convoca, incontornavelmente, a transformações.

“...nunca mais a solidão será como antes. Em suas rajadas mais ardentes, mais destruidoras, a sensação de estar só desaparece em prol de uma amabilidade praticamente adquirida e de uma benevolência sempre disponível - o que não exclui nem a severidade, nem o rigor, pelo contrário” (ONFRAY, 1995, p. 174).

Seguiremos lembrando Heliana. Ela, certamente, não quer ser lembrada como personalidade. Heliana é força. Junto a tantos/as outros/as, falamos, repetimos, continuaremos a repetir, mas sublinhamos que se trata de um compromisso quando dizemos: Heliana presente.



Referências Bibliográficas

AMARAL, Eder. Mostrar os dentes: Heliana Conde, uma ferocidade. **Mnemosine**, v. 19, n. 2, 2023.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: 1 edições, 2015.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: histórias daqueles que ficam. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LORDE, Audre. A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. In: LORDE, Audre. **Sou sua irmã: escritos reunidos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MARCHI, Alice; MARIBONDO, Daniel; DIAS, Rosemeri. Editorial - **Mnemosine** Vol.19, nº2, p. 1-2, 2023.

ONFRAY, M. **A Escultura de si**: a moral estética. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

RODRIGUES, Heliana B. C.; RIBAS, Thiago; STEPHAN, Cassiana L. **Heliana Conde conversa sobre Foucault, modos de vida e modos de escrever a história**, YouTube, (24, out de 2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NG28uLJ0iLU&t=6845s>

RODRIGUES, Heliana, B. C. Caixa de ferramentas para uma atitude histórico-crítica na pesquisa-intervenção. **Polis e Psique** Vol. 5, nº2, p.6-31, 2015.

RODRIGUES, Heliana B. C. **Análise institucional, genealogia, história oral**: fabricando intercessores em pesquisa e intervenção. Curitiba: Appris, 2019.

Catiuscia Munsberg Carneiro
Especialista em Psicologia Jurídica e Mestre em Psicologia
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
catiusciamunsberg@gmail.com

Leonardo Régis de Paula
Especialista em Psicologia Educacional e Mestre em Psicologia
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Formação Humana da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
leonardoreggis@gmail.com